

O “ENSINO” REMOTO E O TRABALHO DOCENTE

Wendel de Alvarenga Silva Conceição – Ufes, wendel.conceicao@edu.ufes.br

Ana Carolina Galvão – Ufes, ana.marsiglia@ufes.br

Pesquisa financiada pela bolsa de iniciação científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

Resumo

O estudo aqui proposto, de cunho bibliográfico e documental, buscou analisar percepções pedagógicas de docentes da Ufes sobre o “ensino” remoto adotado durante o período de pandemia do novo coronavírus, implantado na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) sob a denominação “Ensino-Aprendizagem Remoto Temporário e Emergencial” (Earte). A pesquisa objetiva contribuir com o projeto “Ensino Remoto, práticas pedagógicas e formação de professores” para compreender como as relações pedagógicas foram afetadas e afetam a formação inicial de estudantes (graduação) e o trabalho docente. Utilizando dados do questionário da Associação de Docentes da Ufes (Adufes), seção sindical do Andes-SN, pudemos perceber nos relatos dos docentes uma intensificação do trabalho, atrelado à pouca ou nenhuma formação para uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), somada à precarização das condições de trabalho, tendo esses aspectos implicado diretamente na saúde mental dos professores. Além disso, percebemos uma aproximação feita pelos docentes entre o “ensino” remoto e o EaD.

Palavras-chave: Ensino Remoto. Trabalho docente. Pedagogia histórico-crítica.

Introdução

Inicialmente, destacamos que “consideramos inadequado denominar “ensino” a modalidade precarizada de atividades virtuais da educação escolar e, por essa razão, utilizaremos o termo sempre entre aspas” (Saviani & Galvão, 2021, p. 47).

Na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), o “ensino” remoto adotado durante a pandemia foi intitulado Ensino-Aprendizagem Remoto Temporário e Emergencial (Earte) e aprovado pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe), permitindo “[...] a realização

de aulas remotas como solução temporária para continuidade das aulas na Ufes e usa como principais ferramentas as Tecnologias de Informação e Comunicação” (Cepe, 2020).

Nos parece que o cerne do problema o “ensino” remoto não é somente relativo às condições de acesso ou de equipamentos, mas o modelo de educação que vem sendo construído desde antes do período pandêmico e que afeta não somente o trabalho docente, mas também estudantes, pois nas circunstâncias virtuais não se consegue garantir a realização qualificada das atividades pedagógicas.

A relevância do estudo é a ampla discussão que vem sendo realizada com a adoção do “ensino” remoto no período pandêmico e seus desdobramentos no chamado “período pós-pandemia”, uma vez que as “adaptações” forjadas durante a pandemia agora se espraiam por meio de adoção permanente dos mesmos mecanismos de “ensino” daquele período “emergencial”, se somando às ideias e interesses do ensino a distância (EaD) que circulam desde muito antes da pandemia do novo coronavírus (Abílio et al, 2023; Almeida & Wolf, 2008; Bellinaso, 2020; Evangelista & Chaves, 2021; Evangelista et al, 2022; Mandeli, 2017; Melim & Moraes, 2021; Moraes & Zaidan, 2021; Parra, 2018, Saviani & Galvão, 2021, Seki, 2021).

Desenvolvimento

O “ensino” remoto que serviu ao período pandêmico reforçou um discurso de que a educação presencial pode ser substituída por um ensino virtual. O incentivo à modalidade de ensino a distância se relaciona diretamente à crise estrutural do capital, que necessita expandir seu mercado e, no caso particular do Brasil, expressa a redução do Estado na atuação de políticas sociais, ao não financiamento e com isso forçando a privatização das universidades públicas (Melim & Moraes, 2021).

Essa política visa manter e ampliar os privilégios da classe dominante, necessitando da baixa formação dos trabalhadores para manter sua dominação. Como afirma Frigotto (2021, p. 10):

A luta de classes é intrínseca às relações sociais capitalistas, e o processo de conhecimento e os valores e relações que se estabelecem na escola inscrevem-se nessa luta. Certamente a passagem da classe em si para a consciência de classe dos explorados tem no conhecimento científico crítico que se desenvolve na escola uma mediação fundamental e imprescindível.

Para além de atender aos interesses mercadológicos, o EaD precariza e minimiza o trabalho educativo cuja qualificação depende de uma relação direta e intencional entre o aluno e o professor, compreendendo que a educação é uma atividade não-material, em que produção e consumo não se separam (Saviani, 2011). O EaD ignora as particularidades dos saberes escolares (a natureza dos conteúdos), delimitando as práticas pedagógicas ao espaço virtual (forma) aligeirando a apropriação dos conhecimentos sistematizados pelo aluno (destinatário) (Martins, 2013).

É relevante pontuar que o problema levantado por esse trabalho, não é sobre uma rejeição às Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), desde que utilizadas em sala de aula como ferramentas do processo de ensino e aprendizagem. Nossa perspectiva assume uma crítica à utilização do EaD como uma forma de limitar, controlar, fragmentar e precarizar o trabalho docente e a apropriação do conhecimento pelos estudantes. Conforme Bellinaso (2020, p. 92), essa forma de educação “entra como um novo espaço, no qual separa fisicamente os indivíduos, afetando a relação direta do aluno e professor, e dos professores entre si, o que impede a construção de uma coletividade e o reconhecimento e pertencimento a uma classe”. Esse controle sobre o trabalho docente também é relatado por Almeida e Wolff (2008), pavimentando terreno para o assédio, o patrulhamento ideológico do conteúdo de ensino e o estranhamento do trabalho ao trabalhador. Como afirma Bellinaso (2020, p. 70):

[Trabalho] estranhado, pois na medida em que se constrói todo um sistema pautado na propriedade privada, intercâmbio e na divisão do trabalho, se desenvolve um tipo de trabalho do qual, através desses elementos respectivamente, tem seu sujeito ativo separado dos meios de produção, separado de suas condições materiais de existência e por fim, sem compreensão da realização do trabalho como um todo.

A partir dessas premissas e implicações, buscamos analisar as percepções pedagógicas de docentes da Ufes sobre o “ensino” remoto, visando compreender como as relações pedagógicas foram afetadas e afetam a formação inicial de estudantes (graduação) e o trabalho docente.

O “ensino” remoto, ao restringir a atividade pedagógica a aulas e atividades virtuais (síncronas e assíncronas), empobrece o processo de ensino e aprendizagem. Como assinalam Saviani & Galvão (2021, p. 42):

Há uma “frieza” entre os participantes de uma atividade síncrona, dificultada pelas questões tecnológicas. Seu esvaziamento se expressa na impossibilidade de se realizar um trabalho pedagógico sério com o aprofundamento dos conteúdos de ensino, uma vez que essa modalidade não comporta aulas que se valham de diferentes formas de abordagem e

que tenham professores e alunos com os mesmos espaços, tempos e compartilhamentos da educação presencial.

Com isso, no “ensino” remoto a forma foi limitada, o conteúdo foi enxuto e o destinatário foi prejudicado em seu processo de apropriação dos conhecimentos.

A partir dessa compreensão pedagógica, em nosso estudo utilizamos como fonte documental para analisar o trabalho docente na Ufes a pesquisa realizada em 2021 pela Associação dos Docentes da Ufes (Adufes), seção sindical do Andes Sindicato Nacional e publicada pela entidade em agosto do mesmo ano (Adufes, 2021b).

Responderam à pesquisa da Adufes 642 docentes em exercício, filiados ou não ao sindicato (Adufes, 2021a). Ao final do questionário foi formulada uma pergunta aberta que possibilitava compartilhar nas palavras do próprio respondente, informações sobre sua rotina, dificuldades, condições de trabalho, pedir orientações, dar opiniões. Esse espaço foi utilizado por 288 docentes. Para uma melhor análise, dividimos as respostas em seis eixos: 1) aspectos pedagógicos; 2) saúde mental; 3) formação; 4) intensificação do trabalho; 5) condições de trabalho; 6) outros.

Na Tabela 1 são constatadas somente as respostas exclusivas de cada eixo, ou seja, manifestações únicas dos docentes respondentes.

Tabela 1 – Respostas únicas

Nº do eixo	Eixos	Total
1	Aspectos pedagógicos	68
2	Saúde Mental	21
3	Formação	10
4	Intensificação do trabalho	21
5	Condições de trabalho	12
6	Outros	90
Total		222

Fonte: Adufes (2021a).
Elaboração dos autores.

Pode-se observar na Tabela 1 que o total de 222 respostas não contempla os 288 docentes que responderam à última questão da pesquisa, pois durante a categorização percebeu-se que muitas das manifestações dos docentes abordavam mais de um eixo, havendo entrelaçamento entre eles (66 respostas entram em mais de um eixo). Com isso ao somarmos o total das três tabelas que serão apresentadas iremos obter as 288 respostas.

Importante ressaltar que o eixo “outros” foi retirado da análise pois faz referência a respostas que não se encaixam em nenhuma das categorias estabelecidas. Alguns exemplos de respostas

do eixo “outros”, em que a numeração de cada docente tem finalidade de organização da exposição e não está relacionada a nenhuma identificação dos professores por meio da pesquisa da Adufes (2021a):

A Universidade precisa como um todo precisa se livrar de burocracias (Professor 1).

A dificuldade está no ISO da biblioteca (Professor 2).

Infelizmente, sem tempo para pensar e produzir pensamentos para preencher aqui. O tempo impede para isso, lamento (Professor 3).

Acho que o sindicato tem feito o que deveria fazer. Lutando por uma educação de qualidade para todos. Embora não participe muito das Assembleias, as decisões do meu sindicato definido em Assembleia, assumo todas (Professor 4).

Na Tabela 2 estão organizadas as respostas que abrangeram dois eixos. Para simplificar a tabela, abreviamos o título dos eixos, conforme legenda: P: aspectos pedagógicos (eixo 1); S: saúde mental (eixo 2); F: formação (eixo 3); I: intensificação do trabalho (eixo 4); C: condições de trabalho (eixo 5).

Tabela 2 – Entrelaçamentos de dois eixos

Linha	Entrelaçamentos	2 eixos
1	P/S	10
2	P/F	7
3	P/I	5
4	P/C	3
5	S/F	1
6	S/I	15
7	S/C	3
8	F/I	0
9	F/C	3
10	I/C	3
Total		50

Fonte: Adufes (2021a).
Elaboração dos autores.

A saúde mental aparece nas duas maiores indicações da Tabela 2 (linhas 6 e 1, por ordem quantitativa). Traremos um exemplo do entrelaçamento de dois eixos (aspectos pedagógicos e saúde mental – linha 1 da Tabela 2) A escolha do exemplo é sua representatividade no número de indicações com entrelaçamento aos aspectos pedagógicos. pode ser observado no relato do Professor 5 (destacamos os eixos entre colchetes, em negrito e itálico):

A frustração pessoal é muito grande [*saúde mental*], pois apesar de nos resguardar momentaneamente do projeto mórbido de governo, o Earte é incapaz de substituir

satisfatoriamente o ensino superior. Particularmente as disciplinas dos cursos de Artes contam com uma elevada carga horária predominantemente laboratorial. Não temos condições de retomar o ensino presencial, mas o ensino remoto impactará muito negativamente a formação de nossos alunos cuja formação envolve o exercício de sensibilidades e a reflexão crítica [*aspectos pedagógicos*]. Não é possível passar isso pelo funil e peneira dos dispositivos eletrônicos. Teremos graves perdas na qualidade dos formandos [*aspectos pedagógicos*]. Situação frustrante, aflitiva, revoltante [*saúde mental*] (Adufes, 2021a).

Na Tabela 3 estão organizadas as respostas que abrangeram três ou quatro eixos. Para simplificar a tabela, abreviamos o título dos eixos, conforme legenda.

Tabela 3 – Entrelaçamentos de 3 e 4 eixos

Linha	Entrelaçamentos	3 eixos	4 eixos
1	P/S/F/I	-	1
2	P/S/F/C	-	1
3	P/S/I/C	-	3
4	P/S/F	2	-
5	P/S/I	1	-
6	P/S/C	4	-
7	P/I/C	2	-
8	S/F/I	2	-
9	Total	11	5

Fonte: Adufes (2021a).

Elaboração dos autores.

Vejamos então alguns exemplos de respostas com três ou quatro eixos contemplados.

Professor 6 (três eixos):

A maior frustração ocorre nas aulas na graduação [*saúde mental*], na pós os alunos interagem mais e os recursos tecnológicos não são empecilho. Na graduação os alunos ficam com câmeras desligadas e mudos, o tempo todo [*aspectos pedagógicos*]. Não respondem a perguntas, estímulos, nada... Já aconteceu de após a aula terminar, o aluno parece não estar lá pra sair da sala virtual!! É claro que minhas aulas podem melhorar muito, e reconheço minha responsabilidade nesse quadro. Entretanto, a frustração é enorme! [*saúde mental*] Gostaria de ter assessoria/treinamento para como tornar as interações síncronas mais interessantes [*formação*] (Adufes, 2021a).

Professor 7 (três eixos):

Rotina muito pesada, preparando aulas dinâmicas e atraentes pros alunos, procurando vídeos para envio para eles, elaborando testes online, tirando dúvidas online e etc. e ainda cuidando de uma criança de 5 anos em casa (aulas online), agitada e que dificulta meu descanso. Está muito pesado. já surtei algumas vezes [*saúde mental*]. Não está sendo fácil. Não tenho rede de apoio e em outra pessoa em casa. Então, não há possibilidade de paz para elaborar tudo o que gostaria. E é muito ruim o fato de não ver os alunos... não ver suas expressões faciais diante do que estou falando (a grande maioria não liga a câmera) e tenho a sensação de que dou aula para as paredes [*aspectos pedagógicos*]. Pra mim que sou muito extrovertida, jamais dou aula sentada (ando pela sala, brinco com eles, etc.) essa parte foi terrível. E considero que a UFES decidiu tardiamente a

plataforma a ser usada, tivemos que literalmente nos virar sozinhos para aprender em cima da hora [*formação*], muitos erros aconteceram no início. Tem sido bem pesado. Este ano está melhor, mas não mudou a relação da gente com os alunos (Adufes, 2021a).

Professor 8 (quatro eixos):

Estou aprendendo muito a me reinventar, trabalhando muito mais [*intensificação de trabalho*], mesmo sem o apoio tecnológico da universidade [*condições de trabalho*], mas o que é mais frustrante [*saúde mental*] no ensino remoto é ver que os alunos não ligam a câmera então ficamos falando para uma tela fria e sem vida de expressão dos alunos, agravada pela falta de uso do microfone (áudio), quando respondem é pelo chat. No meu ponto de vista é o mais difícil de lidar é essa situação, se al menos tivesse uma obrigatoriedade de uso da câmera do equipamento pessoal e o respectivo áudio, poderíamos ter um retorno melhor [*aspectos pedagógicos*] (Adufes, 2021a).

Vejamos alguns outros conteúdos das respostas dos docentes, extraídos a partir da leitura das respostas abertas à pergunta final do questionário da Adufes (2021a).

O Professor 9 relata que teve que aprender de forma aligeirada o uso das ferramentas digitais disponibilizadas e que a formação recebida não lhe garantiu atender suas demandas, além da falta de equipamentos adequados (condições de trabalho):

A rotina do professor na Pandemia foi profundamente alterada. O professor teve que do dia para noite aprender a lidar com as ferramentas digitais [*formação*]. Penso que a Ufes não capacitou com eficiência seus professores [*formação*]. Muitos professores estão sem equipamento adequado. Muitos com problemas ergonômicos. Eu mesma tive que comprar uma cadeira que custou R\$1.900,00 [*condições de trabalho*]. Acredito que o sindicato pode intermediar um diálogo entre os professores e a reitoria. Precisamos redefinir o Earte (Adufes, 2021a).

O professor 10 relata que teve facilidade e considerou as condições de trabalho oferecidas adequadas, mas chama atenção para a possibilidade de que nem todos os docentes tenham percebido dessa forma.

Penso que a Adufes deveria ter se unido a UFES para apoiar os professores na realização das aulas no modo remoto. A UFES capacitou e orientou os professores e disponibilizou tecnologia de muito bom nível, como o pacote G Suite, com o uso do Classroom e Google Meet e também o Gmail [*formação*]. Cabe aos professores se preparem para esse novo modelo e a ADUFES poderia ter ajudado. Não basta criticar, mas sim propor ações que permitam o ensino de qualidade em um momento difícil para todos. No meu caso, tenho acesso e facilidade com uso dessas tecnologias, e o curso dado pela UFES para uso do G Suite e produção de vídeos foi excelente. Também disponho de equipamentos e condições necessárias. Mas, pode haver professores com essa necessidade, de aquisição de equipamentos, móveis, entre outros e poderia ter havido melhor orientação e apoio na aquisição [*condições de trabalho*]. Exemplo, se a cadeira que o professor tem em casa atende às condições ergométricas. A Adufes poderia ter feito mais para ajudar os professores na sua preparação para o trabalho remoto. Fazer lives para criticar é muito fácil. O difícil e necessário é realizar ações que ajudem a UFES e os docentes a superarem as dificuldades impostas pela realidade (Adufes, 2021a).

As manifestações dos professores 11 e 12 revela que a falta de condições de trabalho e a falta de formação (insuficiente) sobre como trabalhar as TIC impactaram diretamente as atividades pedagógicas dos docentes.

A rápida adoção do ensino remoto não nos permitiu ter acesso adequado a materiais específicos dessa modalidade [*formação*] e, também, não tivemos tempo e apoio para elaboração desses materiais [*condições de trabalho*]. Os recursos para o ensino são precários [*aspectos pedagógicos*] (Professor 11, Adufes, 2021a).

Apesar de trabalhar com tecnologia e não ter maiores problemas com a área de TI/Informática, o fato é que fomos literalmente “jogados” para dentro de modelo de “ensino” (ou seria “passagem de conteúdo”?) aos alunos para o qual nem a instituição, nem os alunos, nem os professores foram preparados [*formação*]. Encaro tudo isso como uma solução emergencial e, neste sentido, é evidente que a perda de qualidade [*aspectos pedagógicos*], dificuldade de uso da infraestrutura e dos meios disponíveis para interação com os alunos [*condições de trabalho*], além da falta de convívio com a comunidade acadêmica traz enormes e irrecuperáveis prejuízos para a formação [*aspectos pedagógicos*]. O problema é que a solução emergencial “meia-boca” acabou se tornando a única opção para que os cursos não fossem paralisados [*condições de trabalho*]. Além disso, parece estar se consolidando como a única possível de ser aplicada nos próximos semestres e pode levar à comunidade acadêmica a pensar que as atividades da Universidade se restringem apenas à distribuição online e offline de conteúdo aos alunos, os quais, de forma quase autodidata, vão completando suas formações [*aspectos pedagógicos*]. O retorno às atividades vai exigir uma grande reflexão institucional sobre como os novos meios tecnológicos de interação podem (e devem) ser agregados ao ensino/aprendizagem, mantendo-se ou ampliando-se a qualidade da formação da UFES [*aspectos pedagógicos*] (Professor 12, Adufes, 2021a).

O relato do Professor 13 explicita que as condições de trabalho inadequadas não começaram com a pandemia e o “ensino” remoto, mas que durante esse período a situação foi ainda mais dificultada.

Gostaria de ressaltar que tive de pegar meus equipamentos do meu gabinete na Ufes para casa. Contudo, estes equipamentos (monitor e cpu) são muito antigos. Entrei na Ufes em 2017 e nunca recebi material adequado para trabalhar [*condições de trabalho*]. Tive que ir no depósito de computadores “estragados” e então “rearranjamos” o que havia de menos pior neste depósito [*condições de trabalho*]. Em todos os semestres preencho uma lista de materiais em que aponto a necessidade de equipamentos e até o momento, nada. Pode parecer brincadeira, mas a única coisa que recebi foi uma caixa de grampos! (Adufes, 2021a).

As condições de trabalho inadequadas impactaram as práticas pedagógicas e afetaram a saúde mental, como se observa, por exemplo, na resposta dos Professores 14 e 15.

A minha rotina é estressante [*saúde mental*]. Muitas horas em frente ao computador dando ou preparando aulas e atividades, além da correção de provas ilegíveis. Nas aulas falo para as paredes, os alunos poucas vezes e só depois de muita insistência se manifestam. Alguns alunos se conectam na sala, mas não participam. Estão em outras atividades ou no trabalho. E quanto a avaliação a situação é bastante grave. Se os alunos em boa parte já colavam, agora fazem isso de maneira oficial [*aspectos pedagógicos*]. As

resoluções da UFES sobre o ensino remoto facilitam esse tipo de comportamento. Penso que esses dois anos de pandemia e ensino remoto vai gerar um atraso de décadas na educação em todos os níveis. Acho que a universidade e o governo federal foram negligentes quanto a suas obrigações de fornecer as condições materiais e tecnológicas mínimas para o ensino remoto [*condições de trabalho*] e não está fazendo nada para o retorno do ensino presencial que, certamente, não será o mesmo de antes (Professor 14, Adufes, 2021a).

Este momento nunca vivenciado antes (pandemia) traz muitas incertezas e medo em todos. Assim, as decisões estão ocorrendo de forma atropelada e isso impacta diretamente no trabalho do docente [*condições de trabalho*], que teoricamente precisaria de um planejamento que até o momento está muito difícil. Entendo que isso está ocorrendo em todas as instâncias, governo federal, gestão da universidade, mas o impacto para nós está sendo muito grande. Na minha opinião, isso está impactando diretamente na educação, que no meu ponto de vista, está precarizada, [*aspectos pedagógicos*] em especial para o Curso na qual ministro aula, pois é necessário o desenvolvimento de habilidades manuais, complexas de serem aprendidas de forma virtual. Em especial, o trabalho remoto, num ambiente com crianças (de 3 e 5 anos) que não frequentam a escola dificulta em muito a concentração e compromete a produtividade. Além disso, a falta de um ambiente preparado para o trabalho interfere diretamente na qualidade de trabalho [*condições de trabalho*] e impacto outras áreas da saúde (mental, física, etc.) [*saúde mental*]. Sugiro que sejam feitas ações de compartilhamento de dificuldades e também de experiências exitosas (Professor 15, Adufes, 2021a).

O Relato do Professor 16 aponta a intensificação e as inadequadas condições de trabalho e como isso afeta a saúde mental e o trabalho pedagógico:

Desde que a pandemia começou as "rotinas" estão misturadas, pois ao mesmo tempo que estou em trabalho remoto, minha filha está em aula remota, e as tarefas domésticas estão sob minha responsabilidade. A demanda do trabalho institucional aumentou consideravelmente, a ponto de trabalhar os 03 turnos [*intensificação do trabalho*], incluindo os fins de semana. Outro fator que vem sendo um problema é o acesso à internet, mesmo com 02 planos, tenho seguido problemas de conexão e mesmo que tenha organizado um espaço para tentar ministrar as aulas, participar das reuniões, ele não é adequado, sinto falta do local do trabalho e das condições que possuo lá e não tinha disponível em casa. Além disso, os custos para manter o ensino nessa modalidade aumentaram (internet, impressão de material, energia...) [*condições de trabalho*]. Outro elemento que tem se revelado "triste" e frustrante [*saúde mental*] é a falta de interação que a plataforma não oferece, o espaço da sala de aula é de movimento, interação, construção do conhecimento, e isso tem sido limitado e diminuído por conta da plataforma [*aspectos pedagógicos*]. Um dos grandes diferenciais das universidades Públicas é o processo de "viver" a Universidade em todos seus setores (ensino, pesquisa e extensão) que, por conta da pandemia, tem sido limitado aos alunos e aos docentes. O desejo é que todos possam ter acesso a vacina e podermos sonhar novamente com o espaço físico das universidades e todas as suas possibilidades em nossas vidas.

Os relatos dos professores 17 e 18 expressam uma aproximação entre "ensino" remoto e EaD.

Com relação ao EARTE me adaptei muito bem pois tenho experiência com a EAD [*aspectos pedagógicos*]. Quanto as ações do sindicato minhas sugestões são para outras questões que não incluem a EaD (Professor 17, Adufes, 2021a).

Reforço a sugestão de discussão sobre carga horária no Earte; a solução de divisão síncrono/assíncrono com a possibilidade de uma porcentagem mínima de síncrono, para mim é problemática, porque se aproxima demais de EAD [*aspectos pedagógico*] e não

resuelve o problema do tempo em frente a equipamentos: (computador, notebook, tablet, celular) que geram a sobrecarga e os sintomas indicados como cansaço dos olhos ou dores de cabeça; isso porque, quanto mais no assíncrono, mais demanda para elaboração de atividades a serem propostas (Professor 18, Adufes, 2021a).

A manifestação do Professor 19 traz uma reflexão sobre esse modelo de educação:

É uma generalização simplista querer colocar que EAD é pior do que presencial. São técnicas diferentes, para momentos diferentes, públicos diferentes. O EAD quando feito a sério e com responsabilidade pode ser muito bom, já participei de ótimos programas de formação EAD. Creio que a grande dificuldade do EARTE na UFES é que nem os alunos e nem os professores foram preparados para isso [*formação*], mas quem estaria preparado para uma pandemia, né? A questão é que quando o aluno tem o perfil para EAD, e sabe que o curso será assim, ele se prepara para isso [*aspectos pedagógicos*]. O docente também, existem formações específicas para EAD. Como sugestão para ação do sindicato, creio que precisamos de pressão lá em Brasília para verbas para as Universidades, visto que a LOA deste ano diminuiu ainda mais o repasse de verbas (Adufes, 2021a).

Ao destacar o trecho “A questão é que quando o aluno tem o perfil para EAD”, esse perfil de aluno para EaD que o professor coloca tem raça, classe e gênero e daí a relevância de estimular o debate sobre o em que modelo de educação que o sistema capitalista tem para a classe trabalhadora, uma vez que seus desdobramentos já se evidenciam na naturalização das aulas virtuais, mesmo diante do retorno das atividades presenciais, com discussões sobre a inserção de até 40% de carga horária EaD nos cursos presenciais e o Reuni Digital (Evangelista & Chaves, 2021). Os efeitos da virtualização da educação, que não tiveram início na pandemia, certamente não cessarão tão cedo.

Conclusão

Das primeiras análises realizadas até agora, é possível fazer uma breve observação em relação ao último tópico (aproximação expressa pelos docentes entre “ensino” remoto e EaD). Não é de se estranhar que os professores façam essa leitura. No Plano de Contingência da universidade (Ufes, 2020), a distinção entre as “modalidades” se restringe às plataformas a serem utilizadas nas aulas e à produção de material didático.

Dessa forma, a um só tempo a universidade se desresponsabiliza dos meios alternativos, tanto quanto enfatiza o aspecto da forma pedagógica, desconsiderando conteúdo e destinatário (Martins, 2013).

Por outro lado, sobre os recursos didáticos, a diferenciação explicada no documento da Ufes é que enquanto no EaD o material didático é prescrito e pré-determinado, nem sempre

representando as concepções de quem ministra as disciplinas, no Earte os docentes, supostamente, teriam autonomia e liberdade, pois “[...] são responsáveis pelo planejamento e pela sua execução. Portanto, os recursos didáticos a serem utilizados (textos, vídeos e outros) são definidos pelo responsável pela disciplina” (Ufes, 2020, p. 41). Logo, mais uma vez é sublinhado apenas o aspecto da forma do ensino e, paralelamente, a universidade busca se livrar de seus encargos sobre as condições de trabalho, na verdade deixando os docentes à deriva e sobrecarregados.

O que nos parece, portanto, é que mesmo se todas as condições de acesso e equipamentos fossem garantidas - o que se percebeu que não ocorreu -, as implicações pedagógicas ultrapassam à falta de recursos materiais, nos possibilitando notar que esse modelo de educação virtual é uma forma de perpetuação da concepção de mundo e de sociedade vigente e que tende a precarizar cada vez mais a atuação profissional no campo da educação e a formação da classe trabalhadora.

Referências Bibliográficas

Abílio, L. C., Amorim, H. & Grohmann, R. (2021). Uberização e plataformação do trabalho no Brasil: conceitos, processos e formas. *Sociologias*, 23(57), 26–56. <https://doi.org/10.1590/15174522-116484>

Associação de Docentes da Ufes. (2021a). *Percepções sobre o trabalho/ensino remoto e saúde na pandemia: pesquisa realizada com docentes em exercício da Ufes*. Vitória: Adufes; Oppen Social.

Associação de Docentes da Ufes. (2021b). Percepções sobre o trabalho/ensino remoto e saúde na pandemia. *Trabalho remoto na Ufes: caderno 2*. <https://wp.adufes.org.br/wp-content/uploads/Caderno-2-versao-site-LUTAS-ANTICAPITAL-1-2.pdf>

Almeida, S. A. & Wolff, S. (2011). Novas tecnologias e o trabalho docente na modalidade ensino a distância. *6º Seminário Estudos do Trabalho - Anais do Evento*, 1-15. <https://biblioteca.flacso.org.br/files/2012/07/236.pdf>

BELLINASSO, F. (2020). *Educação a distância (Ead) e o trabalho docente: o aumento da precarização* [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista (Unesp)]. https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/Educacao/Dissertacoes/bellinasso_f_me_mar.pdf

Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. Universidade Federal do Espírito Santo (2020). *Resolução nº 56/2020*. https://daocs.ufes.br/sites/daocs.ufes.br/files/field/anexo/resolucao_56.2020_-_cepe_0.pdf

Evangelista, O. & Chaves, P. M. (03/10/2021). *Reuni Digital: página infeliz da nossa história*. Universidade à Esquerda. Acesso em 12 de novembro de 2023, <https://universidadeaesquerda.com.br/coluna/reuni-digital-pagina-infeliz-da-nossa-historia/>

Evangelista, O., Chaves, P. M. & Titton, M. (02/02/2022). *Como destruir a universidade pública brasileira*. Universidade à Esquerda. Acesso em 12 de novembro de 2023, <https://universidadeaesquerda.com.br/coluna/como-destruir-a-universidade-publica-brasileira/>

Martins L. M. (2013). *O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar: contribuições à luz da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica*. Autores Associados.

Melim, J. I., & Moraes, L. C. G. (2021). Projeto neoliberal, ensino remoto e pandemia: professores entre o luto e a luta. *Germinal: Marxismo E Educação Em Debate*, 13(1), 198–225. <https://doi.org/10.9771/gmed.v13i1.43547>

Moraes, L. C. G. & Zaidan, J. C. M. (2021). Ensino remoto na Ufes e suas repercussões nas condições de trabalho dos/as docentes. In: Adufes (Org.), *Trabalho remoto na Ufes: caderno 2* (pp. 57-67). <https://wp.adufes.org.br/wp-content/uploads/Caderno-2-versao-site-LUTAS-ANTICAPITAL-1-2.pdf>

Parra, H., Cruz, L., Amiel, T. & Machado, J. (2018). Infraestruturas, economia e política informacional: o caso do google suite for education. *Mediações - Revista de Ciências Sociais*, 23(1), 63-99. <https://doi.org/10.5433/2176-6665.2018v23n1p63>

Saviani, D. & Galvão, A. C. Educação na pandemia: a falácia do “ensino” remoto. *Universidade e Sociedade*, 67(1), 36-49. https://www.andes.org.br/img/midias/0e74d85d3ea4a065b283db72641d4ada_1609774477.pdf

Seki, A. K. (2021). Apontamentos sobre a financeirização do ensino superior no Brasil (1990-2018). *Germinal: Marxismo e Educação em Debate*, 13(1), 48-71. <https://doi.org/10.9771/gmed.v13i1.43866>

UFES. Universidade Federal do Espírito Santo (2020). *Plano de contingência da Ufes em tempos de covid-19*. 2ª edição atualizada e ampliada. https://www.ufes.br/sites/default/files/anexo/planocontingencia_2aed_v1a_2.pdf